

Ramiro Délio Borges de Meneses. O desvalido no caminho.

Edições Passionistas, 2008 (237 páginas)

Adissertação de mestrado em Bioética Teológica, brilhantemente defendida e aprovada summa cum laude na Universidade Católica Portuguesa, acaba de aparecer sob a forma de livro, tornando-se assim acessível ao público leitor. Regozijamo-nos com o facto, já que se trata de uma obra importante, original e influencial, assim arrancada ao penumbroso arquivo das dissertações aprovadas para conseguir difusão, conhecimento e fruição por parte de todos os que nela encontrarão motivo de reflexão e estímulo para compromisso vital com o desvalido, mais uma vez encontrado no caminho, tal como acontece no quotidiano de todos nós.

Ramiro Meneses fez obra original, ao focar a sua atenção e estudo não tanto no Bom Samaritano como antes no desvalido, no desgraçado abandonado semi-morto pelos ladrões, à beira do caminho. Não se compraz em discurso moralista acerca da indiferença do levita e do sacerdote (faz-nos notar que Jesus também não os condenou), mas incide a sua análise sobre o papel do desvalido como figura emblemática da alteridade (prefigurando Lévinas), capaz de comover, fazendo-lhe estremecer as vísceras, aquele indivíduo normal, um certo samaritano, provavelmente um comerciante que passava frequentemente por aquele caminho. O Autor parte de um comentário exegético da narrativa exemplar de S. Lucas (de que oferece uma nova tradução) para chegar à elaboração de um novo paradigma da humanização em saúde (que reconhece ser a mais ingente tarefa no mundo sanitário), que apelida (um pouco rebarbativamente) de "paradigma deliberativo esplancofânico". De caminho, e como pedras de apoio para as passadas largas que empreende, faz uma

leitura atenta da carta apostólica *Salvifici doloris*, em que a parábola é exaltada como Evangelho do sofrimento, prólogo da paixão, morte e ressurreição de Cristo, o "homem das dores" tão superiormente representado por Dürer. Outro capítulo intercalar é baseado no contributo de Levinas, salientando a responsabilidade pelo Outro como motor da passagem da passividade indiferente à proximidade comprometida.

Ramiro Meneses é homem de mil leituras mas de uma só fé, de "muitos saberes, desde a medicina à cosmologia, filosofia, teologia e ciências religiosas" (como faz notar D. António Couto, no belo prefácio do livro) mas de uma só ambição, a de servir. Obedece bem a este imperativo, ao oferecer-nos esta obra, importante por abrir novas perspectivas de interpretação do grande texto evangélico, original pelo ponto de vista adoptado (o do desvalido) e pela conclusão a que chega (a da proposta de um novo paradigma da humanização em saúde, baseado na responsabilidade agápica devida à comoção das entranhas, símbolo da compaixão que o sofrimento do Outro induz naquele que tem a função de cuidar e tratar).

Walter Osswald